

Ano 13, Vol XXV, Núm 1, Jan-Jun, 2020, pág. 78-90.

## ASPECTOS DA HERMENÊUTICA ANALÓGICA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

### ASPECTOS DE LA HERMENÉUTICA ANALÓGICA EN LA FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

Mauricio Beuchot<sup>2</sup>

**Resumen:** En estas páginas quisiera enlazar la filosofía de la educación con la hermenéutica; más concretamente, con una hermenéutica analógica. Dicha hermenéutica analógica tiene como rasgo fundamental la analogía, que es lo mismo que proporción, ya que el *ana-logon* es el que tiene un equilibrio proporcional. Y en ese equilibrio proporcional consisten las virtudes, sobre todo las éticas o morales, pero también las epistémicas o intelectuales. Por eso hablaré primero del retorno de la noción de virtud en la pedagogía actual, pues la literatura más reciente de filosofía de la educación, sobre todo en la línea de la filosofía analítica, acusa una presencia de la noción de virtud que antes se antojaba imposible. Esa pedagogía en virtudes puede verse beneficiada por la hermenéutica, que, sobre todo después de Gadamer, se ha colocado en la línea de la virtud tal como era entendida en la Grecia clásica. Implica la noción de proporción, la cual en griego era *analogía*, por lo que deseo hablar de una hermenéutica analógica, precisamente, que puede ser un buen apoyo y complemento para esa pedagogía. Comienzo, pues, primero, con la inesperada presencia de la noción de virtud entre nosotros, en la filosofía de la educación más reciente, pero que proviene de la Antigüedad clásica.

**Palabras clave:** Hermenéutica Analógica. Filosofía de la Educación.

**Resumo:** Nestas páginas gostaria de enlazar a filosofia da educação com a hermenêutica; mais concretamente, com uma hermenêutica analógica. Dita hermenêutica analógica tem como traço fundamental a analogia, que é o mesmo que proporção, já que *ana-logon* é o que tem um equilíbrio proporcional. E nesse equilíbrio proporcional consistem as virtudes, sobre tudo as éticas ou morais, porém também as epistêmicas ou intelectuais. Por isso falarei primeiro do retorno da noção de virtude na pedagogia atual, pois a literatura mais recente da filosofia da educação, sobre tudo na linha da filosofia analítica, acusa uma presença de noção de virtude que antes seria impossível.

Essa pedagogia em virtudes pode ser beneficiada pela hermenêutica, que sobretudo depois de Gadamer, se coloca em linha da virtude tal como é entendida na Grécia clássica. Implica a noção de proporção, a qual em grego era *analogia*, motivo pelo qual desejo falar de uma hermenêutica analógica, precisamente, que pode ser um bom apoio e complemento para essa pedagogia. Começo pois, primeiro, com a inesperada presença da noção de virtude entre nós, na filosofia da educação mais recente, porém que provém da antiguidade clássica.

**Palavras chave:** Hermenêutica Analógica. Filosofia da Educação.

<sup>1</sup> Tradução do espanhol ao português, Prof. Dr. João Paulino da Silva Neto, professor e pesquisador do Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima: [joao.paulino@ufr.br](mailto:joao.paulino@ufr.br)

<sup>2</sup> Doutor em filosofia, escritor, filósofo, acadêmico e pesquisador mexicano do Instituto de Investigações Filosóficas da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Doutor Honoris Causa da Universidade Anahuac del Sur. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores em nível III, da Academia Mexicana de História, da Academia Pontifícia de Santo Tomás de Aquino (Roma) e da Academia Mexicana de Idiomas. Suas áreas de pesquisa são: filosofia medieval, tomismo, filosofia analítica, hermenêutica e filosofia latino-americana. É um dos grandes nomes da filosofia na América Latina e uma das investigações mais promissoras desenvolvidas por ele é o diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica, especificamente no âmbito da filosofia da linguagem e sua relação com a metafísica. Entre seus livros destacamos: Elementos de Semiótica (UNAM, 1979), El problema de los universales (UNAM, 1979), La filosofía del lenguaje en la Edad Media (UNAM, 1981), Filosofía analítica, filosofía tomista e metafísica (UIA, 1983), La Semiótica (2004), Tratado de hermenéutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación (UNAM, 2005), Perfiles esenciales de hermenéutica, UNAM / FCE, quarta edição, 2014. e-mail: [mbeuchot50@gmail.com](mailto:mbeuchot50@gmail.com)

## Introdução

Nestas páginas, gostaria de vincular a filosofia da educação à hermenêutica; mais especificamente, com uma hermenêutica analógica. A referida hermenêutica analógica tem como característica fundamental a analogia, que é igual à proporção, uma vez que o analógico é aquele que possui um equilíbrio proporcional. E nesse equilíbrio proporcional consiste as virtudes, especialmente a ética ou a moral, mas também a epistêmica ou intelectual. Por isso, falarei primeiro do retorno da noção de virtude na pedagogia atual, uma vez que a literatura mais recente sobre filosofia da educação, especialmente na linha da filosofia analítica, acusa a presença da noção de virtude que antes parecia impossível.

Essa pedagogia das virtudes pode ser beneficiada pela hermenêutica, que, especialmente depois de Gadamer, foi colocada na linha da virtude, como era entendida na Grécia clássica. Implica a noção de proporção, que em grego era analogia, por isso quero falar de uma hermenêutica analógica, precisamente, que pode ser um bom suporte e complemento para essa pedagogia. Começo, então, primeiro, com a presença inesperada da noção de virtude entre nós, na mais recente filosofia da educação, mas que provém da Antiguidade clássica.

### O retorno da virtude à pedagogia

Na Grécia clássica, a educação era concebida como a formação de virtudes<sup>3</sup>. Esses eram hábitos que serviram ao homem para mover-se na vida prática e teórica. Portanto, havia virtudes éticas, como temperança, força e justiça, e virtudes teóricas, como arte, prudência, inteligência, ciência e sabedoria. A mais central era a prudência, que era uma virtude teórica, mas preocupada com a vida prática, e ela era como o modelo de todas as outras.

A arte ou a *techne* deram regras processuais para fazer bem o que é feito ou fabricado. A prudência ou a *phrónesis* dirigiam a ação moral, e distinguiam-se da arte por não ter regras; dava um tipo de sensibilidade para agir adequadamente. E distinguiu-se da

---

<sup>3</sup> M. Beuchot, “La formación de virtudes como paradigma analógico de educación”, en *La vasija*, n. 2 (1998), pp. 15 ss.

inteligência, pois era sobre o particular e mutável, enquanto a inteligência era sobre o universal e a estabilidade: os princípios. A ciência não fez nada além de aplicar esses princípios para obter deduções em um campo específico, em uma área científica, como medicina ou matemática. E a sabedoria era o conhecimento pelos princípios mais elevados e pelas inferências mais rigorosas, de modo que unia em si o intelecto e a ciência; da primeira, tinha que captar os princípios, os mais elevados, e, da segunda, tinha que fazer deduções, as mais exatas.

A idéia de virtude retorna na atualidade, e não somente na ética, mas na filosofia da ciência e na filosofia da educação. Especialmente na linha da filosofia analítica, por exemplo, no caso de David Carr; mas também na linha da hermenêutica, graças a Hans-Georg Gadamer, o grande hermenêutico dos últimos tempos, que estudou muito os gregos, como um grande filólogo clássico que era, além de filósofo e discípulo de Heidegger<sup>4</sup>. É a mesma hermenêutica recente que mais uma vez trouxe a noção de virtude à filosofia, e a filosofia da educação não pode estar isenta da educação.

Além disso, na Grécia clássica, o ensino superior foi colocado em torno de duas disciplinas: retórica e filosofia<sup>5</sup>. Havia conflitos entre eles, ou melhor, entre *rhetores* e filósofos, mas eles chegaram a alguns acordos, especialmente o devido a Aristóteles, segundo Cícero, a saber: que a retórica se alimenta da filosofia, a retórica é como o veículo e a filosofia como conteúdo. Ou, parodiando a famosa frase de Kant: a filosofia sem retórica é cega, mas a retórica sem filosofia é vazia.

Assim, segundo Aristóteles, a retórica deve estar de acordo com a filosofia, como é de instrumento de essa segunda. É o instrumento para dar-lhe repercussão, capacidade persuasoria. Mas há algo em que ambas coincidem, e isso nos faz ver que existe o principal objeto da educação, a saber, a formação do juízo. Em outras palavras, é a formação do critério, pois julgar é, em grego, *krínein*, a partir do qual o critério se origina, e é isso que possibilita uma atitude crítica, culminação e ideal de toda a educação.

---

<sup>4</sup> D. Carr, *Educating the Virtues. An Essay on the Philosophical Psychology of Moral Development and Education*. London – New York: Routledge, 1991; H.-G. Gadamer, *Verdad y método*, Salamanca: Sígueme, 1977, p. 51.

<sup>5</sup> H.-I. Marrou, *Historia de la educación en la Antigüedad*, México: FCE, 1998 (2a. ed.), pp. 272 ss.

Quanto à filosofia, ela tinha acima de tudo a tarefa de oferecer *phrónesis* e *sofia*, isto é, prudência e sabedoria. E em ambos casos tratava-se da formação do juízo. Em razão da prática, o juízo prudencial ou *phronético*; na razão teórica, o juízo sapiencial. E inclusive havia ocasiões em que se manejavam uma analogia entre os ambos juízos: o juízo prudencial era a razão prática o que o sapiencial a teórica.

A finalidade prioritária era formar na *phrónesis*, a prudência, como fazia ver Aristóteles, é a sabedoria do concreto, particular e contingente, ao modo como a sabedoria é do abstrato, universal e atemporal<sup>6</sup>. Por isso, a prudência corresponde a ética e a sabedoria a metafísica.

Pois bem, a *phrónesis* ensina como se comportar no caso concreto, no momento preciso. Tem até ver com o tempo, pois depende do *kairós*, do momento oportuno, da oportunidade ou ocasião, sem os quais tudo se cai. Isso é o conhecimento da *mídia*. Do meio proporcional em que consiste a virtude, é por isso que a prudência era a porta e a chave para as virtudes; sem ela, ninguém poderia ser concebido como virtuoso. Mas era também o conhecimento dos meios em relação aos fins, para alcançar os objetivos. Eram os meios que nos proporcionavam os fins, o que faziam a ação proporcional ou conducente, ditos objetivos. Por isso, tinha o esquema do silogismo prático.

Tão importante era a *phrónesis* ou a prudência, que marcava a idade adulta do indivíduo. De acordo com a prudência alcançada, era a maturidade ou o crescimento alcançado.

No entanto, a prudência não podia ser ensinada com regras ou receitas. Se acaso, com alguns princípios. O próprio Aristóteles, no cap. 5 do Livro VI da *Ética Nicómaco*, dedica-se a dar exemplos do que eles faziam os *phrónimoi*, os prudentes. Como indicando que somente pode-se aprender com alguns princípios gerais e, sobretudo, com exemplos, paradigmas ou modelos e com muito exercício. E acaba definindo-a assim: "Não é necessário, portanto, que a prudência seja um verdadeiro hábito prático,

---

<sup>6</sup> Aristóteles, *Ética Nicomáquea*, lib. VI, cap. 4, 1140a1.

acompanhado pela razão, sobre as coisas boas e ruins para o homem". Por isso, requer deliberação, ponderando os prós e os contras da ação.

Sobre a idéia da virtude, que agora retorna muito à literatura da filosofia da educação, David Carr insiste que muitos pedagogos estão preocupados pelo fato de não haver receitas ou regras para ensiná-los. E os gregos sempre viam as virtudes como algo que somente pode ser aprendido prestando-se exemplos e exercitando-se muito, isto é, com modelos e práticas.

Mas agora isso acontece até na filosofia da ciência. Já não se considera a ciência como um conjunto de enunciados, mas como um conjunto de práticas. É o legado de Wittgenstein, coletado por Thomas Kuhn e seus seguidores. Wittgenstein deixa o conceito de paradigma<sup>7</sup>. Tudo se aprende seguindo um paradigma e procurando semelhanças familiares com ele. Assim, um paradigma científico é um autor muitas vezes em um determinado momento (através de seu manual, como os Principios de Newton), e trata-se de ser assim, obtendo semelhanças familiares com ele<sup>8</sup>.

Por isso que um discípulo de Wittgenstein, Gilbert Ryle, escreveu um artigo genial com a idéia de que a virtude não é ensinada, mas é aprendida, no sentido de que não pode dar regras ou receitas para ela, mas pode aprendê-la por meio de paradigmas e exercícios, isto é, com a prática<sup>9</sup>.

Isso ocorre tanto no nível da razão teórica quanto na prática. Já vimos que na prática acontece isto; mas também na teoria, já que atualmente fala-se em virtudes epistêmicas, assim como Ernesto Sosa, da Universidade de Brown<sup>10</sup>. Discuti com ele o potencial dessas virtudes epistêmicas, segundo as quais, primordialmente, temos que ensinar ao aluno atitudes como a parcimônia na experimentação, na agudez na intuição ou intelecção e rigor na demonstração, na medida que é ensinada o conteúdo científico.

<sup>7</sup> L. Wittgenstein, *Investigaciones Filosóficas*, Barcelona: Crítica – México: UNAM, 1988, § 50 ss.

<sup>8</sup> T. Kuhn, *La estructura de las revoluciones científicas*, México: FCE, 1986 (7a. reimpr.), p. 34.

<sup>9</sup> G. Ryle, “¿Puede enseñarse la virtud?”, en R. F. Dearden, P. H. Hirst, R. S. Peters (comps.), *Educación y desarrollo de la razón. Formación del sentido crítico*, Madrid: Narcea, 1982, pp. 402 ss.

<sup>10</sup> E. Sosa, *Conocimiento y virtud intelectual*, México: FCE, 1992, pp. 251 ss.

Voltando à razão prática, se ela tinha a prudência como instrumento principal, era o juízo prudencial que precisava ser formado. Era como ensinar a fazer um silogismo prático, no qual uma premissa expressa a finalidade pretendida, outro meio que serve para alcançá-la, e a conclusão é a curva de ação que deve ser seguida para isso. Ou seja, o termo meio silogístico é o núcleo ou pivô do argumento em questão.

### **Retórica e filosofia**

É aqui onde a retórica coincidia com a filosofia, já que a filosofia tinha como função ensinar tanto virtudes epistêmicas como virtudes éticas. Mas, sobretudo, as éticas, pois sem elas se perderia o juízo do conhecimento e da práxis, e principalmente da política.

De fato, a *phronesis* tinha como partes de deliberação (*buleusis*) e decisão ou conselho (*prohairesis*), que era um julgamento prudencial. De fato, Aristóteles disse: "E, assim, pode-se dizer em geral que o prudente é quem sabe deliberar"<sup>11</sup>. Pois a deliberação consistia em pesar os prós e os contras dos meios à ação, até determinar o que mais fosse conducente ao fim. Isso fazia-se na ética, no direito e no militar, por exemplo: o bom estrategista era um militar prudente, o bom jurista era um jurisprudente e o bom filósofo tinha prudência ética, assim como havia uma prudência do governante e outra dos governados, etc.

E a deliberação, assim como era uma parte da prudência, também era uma espécie de retórica. Precisamente aquela que ensinava como encontrar bons argumentos para apontar os prós e os contras de algo, e poder escolher o melhor. Sobretudo quando se trata da sociedade.

Sempre chegava-se a um juízo. Esse juízo prudencial era difícil, porque se construía sem regras, quase sem conceitos, mas bem com o tato e a fineza. Hannah Arendt disse que tal juízo prudencial aristotélico coincide com o julgamento reflexivo de Kant, precisamente na *Crítica do Juízo*, somente que o grande filósofo alemão refere-se à estética, no qual o juízo do gosto não tem conceito, mas tem que coincidir com o que é a beleza, que é apreciado pela generalidade ou pela maioria. Mas, Hannah Arendt disse

---

<sup>11</sup> Aristóteles, *Et. Nic.*, VI, 5, 1140<sup>a</sup>31-32.

que é aplicável à política, porque nem sempre temos claro sobre o que deve ser feito para alcançar o bem comum<sup>12</sup>. É algo que vemos no juízo reflexivo daquele outro grande filósofo político que era John Rawls.

A educação do cidadão residia na aprendizagem da deliberação. Era um cidadão capaz de deliberar, para escolher alguém capaz para os cargos ou para ser eleito com vistas de exercer ele próprio um cargo. É por isso que vemos que a retórica grega nasceu na Sicília, por volta de 485 a.C, após a tirania de Gelón e Hierón, ou seja, quando há democracia poderia dialogar com argumentos. Porque somente na democracia faz sentido fazê-lo<sup>13</sup>. Na tirania, não há diálogo nem discussão; tampoco argumentos, ou somente um: a imposição pela força: "Porque eu mando".

Isso foi tão transcendente, e foi por isso que Sócrates, Platão e Aristóteles se opuseram aos sofistas, que ensinavam a retórica como um meio de sedução, quase de engano. A retórica devia ser transmitida, então, não para dar um instrumento de pesca, de sedução, para que os outros mordessem o anzol, senão para buscar a verdade. Essa era a diferença entre a retórica sofística e a socrática.

Com isso, manifesta-nos que a *phrónesis* tinha que cultivar no ser humano a fineza ou sutileza, o *esprit de finesse* ao qual se referia Pascal, diferente do *esprit de géometrie*. Em Giambattista Vico, era sua oposição à crítica cartesiana e sua defesa do tema clássico. E com ele podemos entender porque Hans-Georg Gadamer, o grande hermenêutico moderno, pensou que a virtude da hermenêutica é sutileza, *subtilitas*.

Mas também entende-se porque o próprio Gadamer sustentou que a *phrónesis* ou a prudência é o modelo ou esquema da própria hermenêutica<sup>14</sup>. Alguém poderia perguntar-se o que tem a ver a *phrónesis*, que é uma virtude ética, com a hermenêutica, que é a disciplina da interpretação de textos. Mas sim, tem a ver, elas têm semelhanças e correspondências, já que *phrónesis* é a sabedoria do concreto, particular e contingente, e isso não é senão ter um sentido do contexto, da situação e da oportunidade, do caso.

<sup>12</sup> H. Arendt, *Between Past and Future*, New York: Penguin Books, 1993, p. 221.

<sup>13</sup> R. Barthes, *La antigua retórica*, Barcelona: Eds. Buenos Aires, 1982, p. 12.

<sup>14</sup> M. Beuchot, "Aspectos de la retórica de Giambattista Vico", en H. Beristáin – G. Ramírez Vidal (comps.), *Ensayos sobre la tradición retórica*, México: UNAM, 2009, pp. 327 ss.



Isso é visto no jurista, que aplica a lei, a qual é geral ao caso, que é particular, e precisa ajustá-la ao caso, sem cometer injustiça. É por isso requer a prudência da jurisprudência, para ter tino ao aplicar a lei, especialmente quando há lacunas. E até falava-se em outra virtude, a *epiqueya* ou equidade, que é a habilidade de aplicar a lei ao caso sem prejudicar, mas procurando o bem de todos.

Tanto no caso do direito, em que é dada prudência legislativa, como no caso do governo, que tem a prudência do governante e dos governados, e no caso da ética, que é a prudência pessoal, no que diz respeito a ajudar-nos a mover-nos em comunidade, é sempre uma questão de prudência, o que torna possível dizer de alguém que é educado, que tem maturidade, que conseguiu ser cidadão.

### **Hermenêutica e pedagogia analógicas**

Se a *phrónesis*, que estamos tratando descrever, é o modelo da hermenêutica, esta requer da analogia. Assim, a *phrónesis* é proporcional, tanto na proporção que é o termo intermediário das ações, como saber proporcionar os meios aos fins. E a proporção é dita em grego analogia, para a qual, a analogia é um elemento fundamental na *phrónesis* e, o mesmo na hermenêutica. Tem-se que buscar uma hermenêutica analógica como a mais adequada para a educação<sup>15</sup>.

A analogia, que os latinos traduziram como *proportio*, não é a mera semelhança, que é muito trivial, senão o sentido da proporção, o saber proporcionar as ações, as situações e os meios para os fins. É isso que se busca com a deliberação, que tocava a retórica, pois para isso não se dar uma lógica formal estrita, senão uma teoria da argumentação tópica, como soube ver o grande hermenêutico, educador e filósofo que foi Vico, não em vão professor de retórica na Universidade de Nápoles. O objetivo da educação era formar um juízo, o critério, isto é, ensinar a deliberar. E este é um exercício proporcional, analógico.

---

<sup>15</sup> M. Beuchot, *Phrónesis, hermenéutica y analogía*, México: UNAM, 2007, pp. 91 ss.



A analogia se coloca entre dois extremos, que geralmente são extremos viciosos, e que há de evitar se queremos alcançar a virtude. Um é o da univocidade, da exatidão absoluta, que somente pode ser pensada como um ideal regulatório, muitas vezes inatingível, apenas orientador. A outra é a da equivocidade, que atinge um relativismo tão excessivo que nos derruba e nos afunda no ceticismo.

Em vez disso, a analogia tenta trazer o melhor dos dois extremos. Da univocidade, ele tenta resgatar o afã do rigor, mas removendo a rigidez excessiva. E da equivocidade, ele tenta resgatar a abertura, mas evita o colapso do relativismo excessivo. É uma posição intermediária e moderada, até mesmo mediadora, em uma dialética frágil, mas suficiente.

Uma hermenêutica analógica inclina-se mais à equivocidade que a univocidade. É por isso que se preocupa em privilegiar as diferenças, mas sem cair na diferença absoluta de alguns pós-modernos<sup>16</sup>. Não renuncia a exatidão, mas a observa apenas de maneira tendenciosa, sabendo que ela nunca é totalmente alcançada no campo das ciências humanas ou sociais.

E com isso é o que melhor serve à filosofia da educação, pois nos faz pensar em uma pedagogia que não se extralimita no ensino científico e tecnocrático dos conteúdos sem uma ordem sintética, mas acomoda o ensino do ser humano, especialmente ética, através do cultivo da *phrónesis*, do juízo prudencial.

Continuamente, encontramos que a educação tem como finalidade (*educere*) a capacidade de juízo do estudante, tanto teórica quanto prática. Tem que se concentrar na formação do juízo, na construção do critério. Como dissemos, o juízo em grego *krísis*, de onde vem o critério, e é isso que permite que a crítica seja exercida. Porque é a única forma pela qual podemos promover uma educação crítica, especialmente no ensino superior, e penso singularmente na filosofia, a partir de minha longa experiência como professor de filosofia.

---

<sup>16</sup> M. Beuchot, *Tratado de hermenêutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación*, México: UNAM-Itaca, 2009 (4a. ed.), pp. 31 ss.

Uma hermenêutica analógica leva-nos a educar o juízo, a formar o critério nos estudantes. A hermenêutica, por si só, tem a ver com a juízo. A *Peri hermeneias*, de Aristóteles, foi traduzida como o "Tratado de juízo" ou "do enunciado", e cobria todo o circuito de comunicação, de emissão e recepção, e em ambos nos comunicamos com juízos. A pergunta é uma perspectiva de juízo e a resposta a ela é o juízo que se anda buscando. E também foi traduzido como "Da interpretação", porque o juízo interpretativo é característico da hermenêutica.

E o juízo é outra proporção, outra analogia, já que se trata de proporcionar ou concordar o predicado com o sujeito, fazendo bem a atribuição, para que o julgamento seja verdadeiro. Isso consiste na formação do juízo, o normar o critério, para que se possa obter juízos apropriados, tanto no que diz respeito à razão teórica quanto à razão prática. Somente dessa maneira poderá cultivar uma atitude crítica ao estudante, pois toda crítica é exercida de acordo com algum critério.

É por isso que vemos a educação renascer como a formação das virtudes. Já não se trata mais de encher os estudantes com um montão de conteúdos, como se fossem sacos ou vasilhas. As virtudes conferem a esses conteúdos a coerência e a sistematicidade que os tornam úteis e adequados. A virtude é, de fato, um hábito, e esse conhecimento feito uma qualidade de quem é, o possui e o exerce. Mas para isso se tem que praticar e exercitar. A virtude é o que faz com que o conhecimento se torne natural para o homem que o possui e, dessa maneira, ele pode exercitá-la com a naturalidade adequada ao que é bem assimilado e, além disso, é significativo. Somente assim podemos fornecer uma educação significativa ao homem. Somente assim fará sentido.

Mas as virtudes não são ensinadas com receitas, e nem têm regras fixas. Eles têm princípios. São adquiridos seguindo modelos, imitando paradigmas e exercitando o conhecimento além da mera aprendizagem do conhecimento inerte, com práxis. Faz-se vida do ser humano, o dinamizar para que possa exercitar. Mas, para isso adquiri-se com imitação e exercício prático. Isso desespera a muitos educadores ou pedagogos, que estão acostumados a um certo condutismo simplista e as receitas mecanicistas. Aqui se trata de buscar a integração do conhecimento com o homem, de maneira dinâmica e

viva, como um organismo, embora sem chegar ao organismo dos românticos. É por isso que se requer uma hermenêutica analógica, para evitar o univocismo daqueles que ainda tentam ensinar mecanicamente, sem sentido, de maneira não significativa; mas também para evitar o equivocismo daqueles que agora tentam ensinar de uma maneira puramente intuitiva. Se este último é característico do romantismo, organicista o outro é peculiar ao positivismo. Uma educação romântica, organista e equívoca é tão inaceitável quanto uma meramente positivista, mecanicista, unívoca. Ambos nascem mortos e, o que é pior, matam o homem, porque o privam da educação, que é a formação de hábitos ou virtudes, e o hábito é uma segunda natureza.

Existe, então, na formação das virtudes, como proponho um procedimento icônico, isto é, que procede por modelos ou paradigmas. Si na filosofia da ciência foi usado recentemente a noção de paradigmas, e foi procedida por imitação dos mesmos, e considerada-se que é a maneira de formar cientistas, isso muito mais deve ser aceito na filosofia da educação, que neste ponto encontra uma estreita conexão com a própria ciência. A epistemologia, a gnosiologia ou teoria do conhecimento é o que deve guiar o pedagogo ou o educador, na medida em que educar é ensinar a adquirir conhecimento. E, se não se conhece a dinâmica do conhecer mal se poderá reproduzir no estudante e levá-lo ao conhecimento. O pedagogo tem que ser um epistemólogo, conhecer a teoria do conhecimento. E esta está baseada no juízo. É algo que Kant conhecia muito bem, que em sua *Crítica do Juízo* salvou o que restava a *Crítica da razão pura ou teórica* e a *Crítica da razão prática*. Aqui, eu somente queria insistir em algo conhecido desde a antiguidade. Se o professor quer ensinar bem, ele precisa ter a teoria do conhecimento, a gnosiologia ou epistemologia, para reproduzir no estudante o conhecimento que produziu em si mesmo.

## Conclusão

Com isso, desde a antiguidade, vemos como a educação teve como propósito a formação do juízo, o normar critérios, para que se possa dar ao estudante uma atitude crítica conveniente. De fato, toda crítica ao conhecimento ou gnosiologia se ordena ao juízo, o juízo é o núcleo. Pois os conceitos são ordenados para a composição do juízo, e os argumentos não são mais que concatenações de juízos organizados de tal maneira que um segue o outro por inferência. O juízo ponderado ou proporcionado é o que constitui o núcleo da teoria do conhecimento e, portanto, é a chave da pedagogia e da filosofia da educação.

E aqui a hermenêutica pode ajudar; mas deve ser em forma de hermenêutica analógica, uma vez que a hermenêutica é a teoria do juízo, assim como as *Peri hermeneias* de Aristóteles; mas também requer de proporção, na qual consiste de analogia. Ela ensina como ser proporcionados. É, também, o que tem por propósito a *phrónesis* ou a prudência, que é baseado no equilíbrio proporcional, isto é, na proporção, o que é dito em grego analogia. *Phrónesis* é, segundo Gadamer, o modelo ou esquema da hermenêutica; e *phrónesis* é proporção, que, por sua vez, é analogia, de todas as quais resultam que uma hermenêutica analógica deve ser alcançada para que isso se realize. É a garantia de que vai por um bom caminho, na formação do juízo, na construção de critério, que são os fins principais do ensino e, portanto, da pedagogia e de uma saudável filosofia da educação.

## Referências

- Arendt, H. *Between Past and Future*, New York: Penguin Books, 1993, p. 221.
- Aristóteles. *Ética Nicomaquea*, lib. VI, cap. 4, 1140a1.
- Barthes, R. *La antigua retórica*, Barcelona: Eds. Buenos Aires, 1982, p. 12.
- Beuchot, M. “Aspectos de la retórica de Giambattista Vico”, en H. Beristáin – G. Ramírez Vidal (comps.), *Ensayos sobre la tradición retórica*, México: UNAM, 2009, pp. 327 ss.
- Beuchot, M. *Tratado de hermenéutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación*, México: UNAM-Itaca, 2009 (4a. ed.), pp. 31 ss.
- Beuchot, M. *Phrónesis, hermenéutica y analogía*, México: UNAM, 2007, pp. 91 ss.

Beuchot, M. “**La formación de virtudes como paradigma analógico de educación**”, en *La vasija*, n. 2 (1998), pp. 15 ss.

Carr, D. *Educating the Virtues. An Essay on the Philosophical Psychology of Moral Development and Education*. London – New York: Routledge, 1991.

Gadamer, H.-G. “**Problemas de la razón práctica**”, *Verdad y método II*, Salamanca: Sígueme, 1994, p. 317.

\_\_\_\_\_. *Verdad y método*, Salamanca: Sígueme, 1977, p. 51.

Kuhn, T. *La estructura de las revoluciones científicas*, México: FCE, 1986 (7a. reimpr.), p. 34.

Marrou, H.-I. *Historia de la educación en la Antigüedad*, México: FCE, 1998 (2a. ed.), pp. 272 ss.

Ryle, G. “**¿Puede enseñarse la virtud?**”, en R. F. Dearden, P. H. Hirst, R. S. Peters (comps.), *Educación y desarrollo de la razón. Formación del sentido crítico*, Madrid: Narcea, 1982, pp. 402 ss.

Sosa, E. *Conocimiento y virtud intelectual*, México: FCE, 1992, pp. 251 ss.

Wittgenstein, L. *Investigaciones Filosóficas*, Barcelona: Crítica – México: UNAM, 1988, § 50 ss.

**Recebido: 15/3/2020. Aceito: 5/6/2020.**

#### **Sobre autor e tradutor contato:**

**Mauricio Beuchot** - Doutor em filosofia, escritor, filósofo, acadêmico e pesquisador mexicano do Instituto de Investigaciones Filosóficas da Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM). Doutor Honoris Causa da Universidade Anahuac del Sur. Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores nível III, da Academia Mexicana de História, da Academia Pontifícia de Santo Tomás de Aquino (Roma) e da Academia Mexicana de Idiomas. Suas áreas de pesquisa são: filosofia medieval, tomismo, filosofia analítica, hermenêutica e filosofia latino-americana. É um dos grandes nomes da filosofia na América Latina e uma das investigações mais promissoras desenvolvidas por ele é o diálogo entre o tomismo e a filosofia analítica, especificamente no âmbito da filosofia da linguagem e sua relação com a metafísica. Entre seus livros destacamos: *Elementos de Semiótica* (UNAM, 1979), *El problema de los universales* (UNAM, 1979), *La filosofía del lenguaje en la Edad Media* (UNAM, 1981), *Filosofía analítica, filosofía tomista e metafísica* (UIA, 1983), *La Semiótica* (2004), *Tratado de hermenéutica analógica. Hacia un nuevo modelo de la interpretación* (UNAM, 2005), *Perfis essenciais de hermenêutica*, UNAM / FCE, quarta edição, 2014.

E-mail: mbeuchot50@gmail.com

**João Paulino da Silva Neto** - Tradução do espanhol ao português, Prof. Dr, professor e pesquisador do Centro de Educação da Universidade Federal de Roraima atuando na graduação e pós-graduação.

E-mail: joao.paulino@ufrr.br